

DIÁLOGO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA: NAS TRAVESSIAS DO PENSAMENTO GREGO E PORTUGUÊS

CELESTE NATÁRIO

Universidade do Porto
mnatario@letras.up.pt

A literatura e a filosofia, enquanto «experiências» por excelência da linguagem, são dois «caminhos» possíveis para uma mesma viagem. A viagem que nos conduz à verdadeira experiência humana, ou seja, a experiência do sentido. Todos os grandes da literatura abordaram as questões maiores sobre a condição linguística na qual se reescreve a condição humana como experiência de sentido. Na verdade, não deve ser esquecido o superior e decisivo papel da língua e suas implicações. Aliás, na própria Filosofia contemporânea o questionamento sobre a articulação entre filosofia e linguagem marca presença constante em diferentes vozes e perspectivas, designadamente as de Heidegger, Gadamer e Paul Ricoeur. Os problemas de rigor mental e de ambiguidades, que se podem levantar e que têm emergido ao longo do tempo, equacionam-se, por exemplo, em torno da chamada linguagem natural, utilizada pela Filosofia, para contrastar com a linguagem artificial (científica e técnica), utilizada pela ciência. E mesmo não sendo aqui o momento para nos determos nesta interessante mas vasta questão, não poderíamos deixar de a referir, sobretudo por ser a linguagem o lugar onde se manifesta a verdade e o sentido do ser. Só pela linguagem o ser pode apresentar-se à compreensão humana e onde é decisiva a intencionalidade ontológica. E é a partir daqui que uma hermenêutica filosófica pode operar. Com certeza que as ortodoxias existem e, decerto cada vez mais, mas, não foram os poetas/filósofos os seus criadores.

Alguns, mesmo não sendo filósofos no sentido mais ortodoxo do termo, entram naquele que é por excelência considerado o campo da filosofia e cujo resultado é nada menos do que um engrandecimento para a humanidade, sendo disso expressão algumas das obras mais emblemáticas da literatura ocidental como a *Iliada* e a *Odisseia*, *Dom Quixote*, *O Príncipezinho*, *Hamlet*, *Os Lusíadas*...

Às vezes, ser humano é difícil, alguém escreveu. Entre o que desejamos e o que conseguimos alcançar vai muitas vezes uma longa distância, assim surgindo uma desconcertante e íntima desproporção. Perseguimos a felicidade e o equilíbrio e é o desassossego que tantas vezes se instala. Nas histórias narradas em prosa ou poesia desde Homero, Camões, Cervantes, Shakespeare, Dostoievsky, Eça, Antero, Pascoaes, Pessoa, Vergílio Ferreira, Agostinho da Silva, e tantos outros autores, o que procuramos senão um modo de apaziguamento desse desassossego?

Quantas vezes perdido na difícil gestão da sua própria vida, o ser humano, de forma mais ou menos inconsciente, investe numa desenfreada procura de si, aguardando a sua própria aparição. A liberdade e as múltiplas possibilidades de escolha, um futuro aberto e indeterminado, ainda que possam ser desafiantes, constituem um presente, colocado à disposição do Homem, e que é causador de fortes incertezas e algumas angústias. Por isso, os êxitos, fracassos, dilemas e dificuldades dos personagens que a literatura e suas histórias nos apresenta, bem como o modo como se comportam e superam adversidades, são já razões maiores desta criação humana.

Para sonhar, como o Príncipezinho, para lutar como o velho pescador de Hemingway, para amar como Heitor, para esperar como Penélope, para aspirar à bondade essencial de Dom Quixote, para ultrapassar obstáculos e partir para um Mundo e para o sonho como Camões, precisamos da ficção e da realidade da literatura.

Contudo, também somos seres feitos para a beleza, e por isso nunca nos cansamos de admirar a natureza, nem de contemplar a *Pietà* de Miguel Ângelo, ou de escutar a flauta mágica.

Estreitamente relacionada com a aspiração humana à plenitude, Stendhal disse que a beleza é uma promessa de felicidade, e entre as suas múltiplas formas, a literária.

A literatura satisfaz, pois, necessidades profundas do ser humano, como o conhecimento da realidade e o gozo estético. Numa perfeita conjugação de fundo e forma que só os melhores alcançam, é o que faz Homero ao entrelaçá-los na *Odisseia* e *Iliada*, duas obras que não são apenas simples novelas, mas sobretudo cantos épicos, escritos em versos imortais.

Contudo, é pelas suas versões em prosa que os conhecemos numa estrutura narrativa, em que os personagens são unidos num tempo e num espaço, numa relação conflituosa. Três mil anos depois, estes personagens continuam a responder aos grandes arquétipos humanos, continuando a parecer-se connosco ou estando nós configurados à sua imagem? Em primeiro lugar, pela incalculável herança de Ulisses, a grande criação de Homero. Muito mais do que Aquiles ou Heitor, Ulisses é a resposta à mais urgente das perguntas no tempo: ‘Que significa ser Homem?’

Homero foi o primeiro artista da cultura ocidental, o primeiro poeta, o primeiro poeta pensador, que entendeu a fundo a complexidade da vida e a expressou por via de uma soberba forma literária.

Espelho da nossa Humanidade que um dia Apolo, na antiga Grécia, defendeu ante o cruel silêncio dos Deuses, a filosofia e a literatura dão-nos conta, além da matriz linguística e intersubjectiva do humano, que também o amor à sabedoria fez despertar da capacidade reflexiva e discursiva como sua fundamental característica. Mas, ao mesmo tempo, a filosofia reclama também todas as possibilidades do real, rumo à universalização, sua exigência. Da sua dimensão é ainda e sobretudo o que ultrapassa o dizer, que lhe não basta, pois o que diz e o que deve dizer afigura-se-lhe de importância maior na sua relação com o ser. O ser que, no tempo das origens, foi expresso das mais diversas formas ou géneros literários, adoptados na antiguidade clássica, segundo um especial sentimento de liberdade. Decorrente do modo de pensar espontâneo, no sentido em que foi o primeiro desses modos, para exprimir o seu assombro em relação à vida e ao cosmos, os gregos foram guiados pela vontade de procurar a harmonia, a lei ou leis pelas quais as coisas se regessem, assim acabando por «inventar» o homem em diálogo com os deuses, que outros já tinham inventado, mas a que acrescentaram outros também.

Se quase todas as literaturas se iniciaram por obras em verso, também a Filosofia se apresentou primeiro desta forma, utilizando a Palavra, como se fosse o primeiro dia da criação, e tudo estivesse ainda por fazer e por dizer.

Entre a paixão e o jogo, vivendo o que se pode designar como uma dádiva divina e milenar, traduzida nesta herança de liberdade, o pensamento filosófico conheceu variados ritmos.

Na contingência e precariedade do ser, todas as formas, todos os géneros, algumas máscaras, sombras, vazios, a voragem do Tempo e da História foi permitindo e impondo. E todos, isto é, escritores, poetas, filósofos, prosadores, artistas das demais artes, foram convidados.

É comum a ideia de que, no início de todos os saberes e de todo o conhecimento, esteve a Filosofia, na sua imperiosa demanda de «amor à sabedoria» que o ser humano não pôde deixar de empreender. Movido primeiro pelo desejo de compreender as origens do Universo e logo a seguir da sua própria existência, como a de todos os seres, o homem perseguiu caminhos e veredas que o levassem à obtenção de respostas.

O saber e habilidade em qualquer arte, tal como no início do pensamento grego se entendeu o termo *philosophia*, traduzido por «amor à sabedoria», vai, a partir dos sofistas, evoluir e fixar-se para passar a designar «o exercício sistemático de uma actividade teórica de saber conduzir-se na vida, de bem falar e discorrer», atingindo com Sócrates e Platão a designação de desejo ou amor da sabedoria. Contudo, a este sentido literal, Platão acrescentará o sentido paradoxal de «ciência da ignorância ou saber do não saber», partindo do pressuposto que ao filósofo nem toda a sabedoria é possível, só aos deuses estando reservada tal faculdade, o que parece significar que os deuses, esses não precisavam de filosofar. Entre Deus que tudo sabe e o ignorante que nada sabe, o filósofo grego teve a consciência de não ser possível viver com essa ignorância, daí resultando a sua célebre

máxima «só sei que nada sei», em paralelo com a máxima do «conhece-te a ti mesmo», celebrizada pelo óraculo de Delfos.

Procurar a sabedoria equivale também a procurar a verdade, sendo para isso decisivo o «amor», esse «amor à sabedoria», ou seja, o seu desejo, pois o que excede o humano conhecimento é uma constante presença com a qual só é possível viver e conviver pelo amor¹, que Platão identifica como «Bem Supremo».

Desde o mito ao logos, do espanto, do amor e desejo de sabedoria, desde Anaximandro, Anaxímenes, Heraclito, Parménides e Platão, ao exercício e arte da interrogação, a filosofia prefigurou-se no sentido de uma interpretação ontológica inteligível, deixando para trás a anterior imagem mítica do mundo². Platão foi talvez o primeiro poeta onde uma verdadeira relação entre filosofia e literatura se tornou evidente. Werner Jaeger, um dos seus maiores Intérpretes, senão mesmo o maior, afirma que Platão é simultaneamente poeta, filósofo e pintor³. Os textos platónicos demonstram ao mesmo tempo uma sensibilidade e subtileza comparáveis às esculturas gregas do seu tempo, não deixando também por isso de utilizar a linguagem dos artistas. Segundo alguns biógrafos e intérpretes, o filósofo Grego ter-se-á ocupado também com a pintura e a escultura⁴. Mas, seja qual for a posição em que nos possamos colocar e seguindo de novo Werner Jaeger, «o olhar crítico não descobre nas obras de Platão nenhuma passagem em que não se entrelacem plenamente a forma poética e o conteúdo filosófico»⁵. Na verdade, se a primeira forma de expressão filosófica é poética, é porque não se conhecia outra, sendo de sublinhar que, para o melhor e para o pior, Anaximandro e Anaxímenes, com os seus fragmentos poéticos estão na origem do pensamento ocidental.

«Acerca da Natureza», foi o título de todas as obras/textos (fragmentos) até Platão, mesmo que diferentes fossem os poemas dirigidos à natureza e seu ser, sobretudo no sentido de a compreender racionalmente.

Referirmo-nos a todos os filósofos da Grécia antiga é no contexto presente impossível e até despiciendo, não devendo no entanto esquecer-se uma referência a Parménides, pela importância da sua obra a propósito do nosso tema. A já referida liberdade de pensamento e expressão que caracterizaram o tempo original tem neste autor representação maior. Da sua obra *Acerca da Natureza*, o que importa é mesmo o seu poema do ser, verdadeiro poema filosófico, composto por 160 versos, onde, primeiro aborda a questão do «ser em si», e depois, o sistema do mundo. Do poeta/filósofo, escreve Werner Jaeger: «(...) é poeta pelo entusiasmo com que julga ser o portador de um novo tipo de conhecimento, por ele

¹ Cf. PLATÃO, 1991: 210d.

² Cf. PLATÃO, 1997.

³ Cf. JAEGER, 1995.

⁴ Cf. SCHULL, 1952.

⁵ JAEGER, 1995: 114.

considerado, ao menos em parte, a revelação da verdade», afirmando também o mesmo intérprete que «foi este sentimento da sua elevada missão que o levou a nos oferecer no prólogo do seu poema, a primeira encarnação humana da figura do filósofo, o ‘homem sábio’ que vai dar à mansão da verdade»⁶.

Mas dos 3000 anos da Filosofia com suas paisagens e definições, apenas se procura no eco dos primeiros passos ouvir algum pulsar, levemente auscultando movimentos e suas consequências, mesmo que o presente seja a maior prioridade.

Como um espaço onde tudo cabe ou coube, a Filosofia ao longo do tempo foi diminuindo o seu poder, principalmente porque o *Logos* superou a *Physis*, a natureza, desdobrando-se nas mais diversas artes e disciplinas, desde a matemática, à música, astronomia, história, geografia, política... Daqui se pode concluir que «o mito, os poetas, e os deuses são empurrados para a periferia do Saber triunfante, ou escondem-se nos altares de Delfos, por entre a obscuridade das névoas oraculares, no mais fundo reduto do coração do Homem»⁷. Não obstante, ficam caminhos abertos que vão ser trilhados ao longo da História. Ao longo desta, o mistério original da contingência e fragilidade do ser tem suscitado diferentes reacções e muitos são os que procuraram respostas, em diferentes perspectivas, desde as mais metafísicas e espiritualistas às científicas e racionalistas.

Nicola Abagnano, na sua *História da Filosofia*⁸, afirma que o surgimento da Filosofia se deve em parte à poesia de Homero, na sequência dos conceitos morais que, aí, pela primeira vez, são apresentados, e que mais tarde serviriam aos filósofos para a interpretação do mundo. Em qualquer situação é sempre de sublinhar a não distinção entre a linguagem originária da Poesia, da Literatura e da Filosofia como formas de expressão do humano, no mundo grego.

Considerando este contexto, pensamos que faz sentido transpor esta questão da imbricação entre literatura e filosofia para o pensamento português. Porque a relação de cumplicidade entre poesia, literatura e filosofia é, desde o início da nossa história, uma realidade inequívoca em diferentes autores classificados pelos cânones da literatura e da filosofia como sendo poetas/escritores/filósofos, ou ambas as coisas, ou todas estas ao mesmo tempo. Porque aquilo que os une (as une) é mais do que aquilo que os (as) separa. Uma realidade que, como sabemos, caracteriza e determina o diálogo entre a literatura e a filosofia, não sem uma certa controvérsia, e que perdura na nossa contemporaneidade.

Mas, se é verdade que na Grécia a utilização dos mais diversos estilos literários não foi impeditiva da sua consideração filosófica, em Portugal essa posição nem sempre é pacífica, o que não deixa de ser lamentável para a Filosofia e talvez ainda mais para a Cultura.

⁶ JAEGER, 1995: 222.

⁷ MALHO, 1987: 12.

⁸ ABAGNANO, 1991: I, 23.

Espontaneidade de ideias, liberdade de expressão e pensamento, alguma aparente e real não sistematização, não obediência a um rigorismo de base, estas características de um certo pensamento filosófico colidem, para alguns, com os cânones habituais de um texto eminentemente filosófico, sobretudo quando neles não está presente um forte ensaísmo, rigorosamente delimitado, mas sim um pensamento de contornos heterodoxos. Mas, se estas foram e são características do pensamento filosófico português, elas estiveram presentes no pensamento grego, ilustrado por Platão, que, nos seus diálogos, poesia e prosa, mostra como o pensamento circula livremente do real para a ideia e da ideia para o real, sem o dito rigorismo e ortodoxia que muitos pretendem impor ao pensamento e às ciências sociais e humanas.

Junto ao Atlântico e próximo da entrada do Mediterrâneo, entre a Europa e a África, entre a Europa e as Américas, na zona temperada do Norte, vizinhos da zona tórrida, a cultura portuguesa vai emergindo entre a errância e a itinerância de um povo que, para além da terra e do mar, tem o céu. E estes são elementos que pensamos ser importantes no sentido das afinidades com o pensamento grego. Na ordem cultural como filosófica, uma certa indefinição e desassossego, repartido entre o infinito e o finito que somos e não somos, parecem-nos traduzir em grande parte o íntimo do ser, e em particular do ser português.

Povo das sete partidas, designado muitas vezes negativamente, como sendo um povo de poetas, é este povo e cultura que, «onde a terra acaba e o mar começa», reúne características que pensamos de grande singularidade.

Escrevia Joaquim de Carvalho que «enquanto produto o pensamento filosófico nasce e dá-se temporalmente, isto é, em determinadas circunstâncias e sob certos desígnios que o situam e limitam; e enquanto criação suscita atitudes e juízos transcendentais, isto é, atitudes que retomam e repensam os problemas e respostas fora e independentemente do *hic* e *nunc* das categorias da história», afirmando por sua vez Francisco da Gama Caeiro que, a seu ver «a filosofia surge-nos, em concreto, como expressão da vida espiritual de uma cultura (...)». E é o pensamento, a reflexão filosófica que em Portugal ao longo dos tempos se foi desenvolvendo, além da iniludível dimensão filosofante do humano, uma consequência de uma determinada forma de ser e estar, em que, entre outras, as características de natureza geográfica e de natureza religiosa, um pouco à semelhança dos gregos, assumem decisivo relevo com amplas repercussões.

Na Grécia, o poeta/filósofo era elogiado e admirado não só pela forma estética dos seus textos mas também pelos seus conteúdos, o que é revelador da importância filosófica das obras. Em Portugal, mesmo que num tempo outro, outras interpretações se fazem, tantas, e tantas vezes colocando em causa dimensões maiores da nossa cultura.

Contudo, o que nos importa agora salientar é que o pensamento português, visto essencialmente como um pensamento heterodoxo, livre e assistemático, é um pensamento menos intelectualizado e mais vivido com o recurso à poesia e outros géneros literários, configuradores de uma maior aproximação às formas do ser e da verdade.

É inegável a relação entre a filosofia e a literatura na cultura portuguesa, ou sobretudo nela, como repetidas vezes já afirmamos, com o objectivo da procura de um absoluto que dignifique a existência humana patenteada num diversificado e rico número de autores/escritores/poetas/filósofos.

Sendo impossível tratar, por mais sumariamente que fosse, todos os autores que reputamos de maior importância, faremos mesmo assim uma breve referência a 3 autores: Antero de Quental, Teixeira de Pascoaes e Eduardo Lourenço.

A propósito de Antero de Quental, escreveu o ser amigo Oliveira Martins: «É sabidamente um poeta na mais elevada expressão da palavra; mas ao mesmo tempo (...) os seus versos são sentidos, são vividos como nenhuns; mas o sentir e o viver deste homem é de uma natureza especial que tem por fronteiras físicas as paredes do seu crânio, mas que não tem fronteiras no mundo real, porque a sua imaginação paira (...) nas asas de uma razão especulativa para a qual não há limites. O poeta é por isso um místico, e o crítico um filósofo». Estas palavras parecem não deixar dúvidas acerca da genialidade, do modo de estar e do ser do poeta-filósofo, que pela poesia ou ensaio procurava explorar todos os caminhos possíveis até se deparar com «o silêncio e a escuridão», talvez, «o que convém a certas horas», segundo Oliveira Martins.

Por sua vez, Teixeira de Pascoaes, em sintonia com as vivências espirituais da cultura portuguesa, numa profunda inquietação metafísica e de ordem religiosa, procurou encontrar respostas para interrogações com um alcance universal; acreditava que sábios ou poetas eram uma e a mesma coisa, na medida em que cada um, à sua maneira, procurou uma ordem para o mundo humano – da interioridade. O apelo do Absoluto que continuamente recebia traduziu-se na esperança de respostas para a condição humana. Nesta linha, Teixeira de Pascoaes simboliza no pensamento e na cultura portuguesas um dos exemplos maiores da permanente simbiose entre a Poesia e a Filosofia, podendo afirmar-se que «existe no pensamento do poeta/pensador mais do que a ideia, a intuição de que existe uma verdade que indubitavelmente o humano procura, sendo essa busca que dá sentido ao Humano e ao Universo, à terra e ao céu, à vida e à morte», mas também que «é nesta procura que encontramos o filósofo surgido do poeta», ao mesmo tempo considerando a sensibilidade à dimensão do mistério do ser, «em cujo horizonte vislumbrou a transcendência metafísica, sugerida pela sinceridade do poeta/pensador, e a força ontológica que mais se parece impor».

Por último, refira-se o exemplo de Eduardo Lourenço. Desde jovem envolvido na cultura do seu tempo, em constante diálogo com grandes pensadores europeus, o seu pensamento constituiu-se como «uma escrita sem rasuras» conferindo brilho às ideias, que são encadeadas de modo genial, fruto da sua forma de sentir o Mundo e com ele se harmonizar⁹.

⁹ ALMEIDA, 2009: 114-115.

Segundo alguns intérpretes, os textos de Eduardo Lourenço são «consciência» do princípio ao fim, numa abordagem filosófica cuja metodologia se poderá aproximar da ficção, pela forma como trabalha sobre as suas vivências. Aproxima-se o autor, conforme o grau de aprofundamento pela razão e imaginação, como observa uma das suas mais recentes intérpretes, Maria Manuel Baptista: «Na verdade, nele a pura ficção está praticamente ausente, mas de resto esta lá tudo: as suas impressões, as suas vivências, o seu espírito crítico, a sua capacidade de simbolização e metaforização do real, constituem estratégias que lhe permitem tratar um tema (frequentemente Portugal e o ser Português) submetendo tudo isto às forças poderosas da imaginação (...)». Do ponto de vista filosófico, considera, a autora, é o «início de um novo género literário de filosofia»¹⁰. Não temos aqui naturalmente tempo para discutir se terá efectivamente Eduardo Lourenço inaugurado esse género, mas queremos acreditar que sim.

E, para terminar, retomando o nosso fio condutor inicial, ou seja, o pensamento grego, gostaríamos de acrescentar que, na ausência de uma herança conscientemente assumida, mesmo não sendo possível menosprezar a importância do pensamento oriental, sem dúvida que os filósofos gregos, sem o peso da história aos ombros «encontraram-se disponíveis e libertos para a aventura do pensamento e para a compreensão do mundo»¹¹, e por isso, decerto, foram mais felizes que nós.

Porém, a «inocência paradisíaca de um tempo sem véspera» deu lugar a outros caminhos na linguagem. E foi algures num desses caminhos que também a cultura portuguesa ganhou raízes naquilo que lhe é mais próprio e sem deixar de fazer dela uma cultura de poetas onde, como dizia Pascoaes, todos cabem, poetas e filósofos, ou, o mesmo é dizer, onde coabitam Poesia, Filosofia e Literatura.

Bibliografia

- ABAGNANO, Nicola (1991) – *História da Filosofia*. Lisboa: Presença.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2009) – *O Ensaio à Eduardo Lourenço, Existo logo penso (e Sinto)*. «Colóquio Letras, Eduardo Lourenço 85 anos». Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 170.
- BAPTISTA, Maria Manuel (2005) – *Filosofia e literatura na obra de Eduardo Lourenço – paradigmas teóricos e posicionamento hermenêutico*. In «X Encontro de Professores de Filosofia: Homenagem a Eduardo Lourenço». Porto: Areal.
- JAEGER, Werner (1995) – *Paideia. A formação do Homem grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- MALHO, Levi (1987) – *O Deserto da Filosofia*. Porto: Rés.
- (1984) – *O Signo de Orpheu*. Porto: Afrontamento.
- PLATÃO (1991) – *O Banquete*, trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70.
- (1991) – *Fedro*, trad. José R. Ferreira. Lisboa: Edições 70.
- SCHULL, Pierre Maxime (1952) – *Platon et L'art de son temps*. Paris: PUF.

¹⁰ BAPTISTA, 2005: 3.

¹¹ MALHO, 1984: 13.